

## ENTRE ANTONIO GRAMSCI E CARLOS NELSON COUTINHO: REFLEXÕES SOBRE O BIZARRO NA POLÍTICA ATUAL

Rodrigo de Souza Filho<sup>1</sup>  
Bruna Figueiredo Oliveira<sup>2</sup>

**Resumo:** O presente trabalho tem como propósito discorrer sobre a contribuição teórica de Carlos Nelson Coutinho, na busca pela compreensão de como certos segmentos das camadas populares aderiram às ideologias que conformaram o projeto de governo bolsonarista que são essencialmente contrárias aos seus próprios interesses. Para tanto, retomamos a crítica literária realizada por Coutinho ao livro *Triste fim de Policarpo Quaresma* de Lima Barreto, e trabalhamos com a categoria de “bizarro” utilizada na análise de Policarpo - presente também em suas reflexões sobre “a hegemonia da pequena política”, ocasião em que resgata Gramsci (1999).

**Palavras-chave:** Antonio Gramsci; Carlos Nelson Coutinho; Lima Barreto; bolsonarismo; hegemonia

### I – INTRODUÇÃO

O objetivo deste estudo é demonstrar a atualidade do pensamento do filósofo marxista brasileiro, além de reconhecido crítico literário, interprete e importante tradutor das obras de Gramsci e Lukács, trata-se do intelectual baiano Carlos Nelson Coutinho. Evidenciando que sua contribuição teórica é capaz de nos ajudar a pensar as singularidades do capitalismo brasileiro e os rumos da política atual, neste caso, mais precisamente da adesão das camadas populares às ideologias que conformaram o projeto de governo bolsonarista essencialmente contrárias aos seus próprios interesses.

Obviamente que o caminho mais rico compõe o retorno histórico da assimilação categorial desenvolvida por Coutinho para entender a realidade brasileira. O que perpassa desde à introdução das categorias de “via prussiana” – Lenin e “revolução passiva” – Gramsci e posteriormente suas formulações e defesas políticas no campo da “via democrática” – incitando os polêmicos debates que giravam torno da relação entre socialismo e democracia ao mesmo passo que buscava realinhar as estratégias para à revolução brasileira<sup>3</sup> – até suas análises sobre os governos do PSDB e PT sob o critério

<sup>1</sup> Doutor em Serviço Social/UFRRJ; Professor Associado da Faculdade de Serviço Social/UFJF. Telefone: (32) 98821-3256; e-mail: rodrigofilho64@gmail.com.

<sup>2</sup> Doutoranda em Serviço Social/UFJF. Telefone: (38) 98808-3814; e-mail: brunaofigueiredo@hotmail.com

<sup>3</sup> Sobre a relação entre socialismo e democracia pautada por Coutinho, em 1979, ao publicar o ensaio “Democracia como valor universal” (COUTINHO, 1980), retomada, em 1992, no livreto “Democracia e socialismo”, podemos resumir que o

interpretativo das categorias gramscianas de “hegemonia da pequena política” e “contrarreforma” – essa última foi pouco trabalhada pelo próprio Gramsci nas análises sobre formação social. Isto indica o enriquecimento teórico de Coutinho à obra do filósofo italiano.

Contudo, não será possível desenvolver tal arsenal, haja vista os limites deste trabalho, portanto, nosso foco central consiste em indicar possíveis caminhos para interpretação de como ocorreu o processo de adesão das camadas populares/parte significativa dos subalternos ao bolsonarismo e seu projeto reacionário com requintes fascizantes. Para tanto, retomamos a crítica literária realizada por Coutinho ao livro *Triste fim de Policarpo Quaresma* de Lima Barreto, e trabalhamos com a categoria de “bizarro” utilizada na análise de Policarpo - presente também em suas reflexões sobre “a hegemonia da pequena política”, ocasião em que resgata Gramsci (1999).

Nesse sentido, o caminho metodológico percorrido para construção deste estudo tem como método o “materialismo histórico dialético” que nos permite desvelar as determinações do fenômeno que buscamos interpretar para além da aparência fenomênica, imediata e empírica – por onde necessariamente se inicia o conhecimento. Netto (2011, p. 22 ) afirma que “o método de pesquisa que propicia o conhecimento teórico, partindo da aparência, visa alcançar a essência do objeto, de modo, que ao alcançar a compreensão da dinâmica e estrutura do objeto, o pesquisador por meio de procedimentos analíticos e operando sua síntese, reproduzirá no plano ideal a essência do seu objeto.”

É seguindo estes trilhos que o leitor conseguirá perceber nosso esforço em caminhar junto ao refinamento teórico que Coutinho herdou de Gramsci, Marx, Lukács e da tradição marxista num sentido geral, para explicitar nossa contribuição interpretativa dos fenômenos que estão presentes na nossa realidade imediata e dinâmica em solo brasileiro. Sendo assim, em termos procedimentais a revisão bibliográfica compõe de forma estrita e integral os direcionamentos do nosso debate e os resultados obtidos em torno da proposta de estudo com destaque para as obras de Coutinho (2011); Coutinho (2010); Gramsci (1999).

---

marxista baiano indica que a democracia (ou democratização, como posteriormente formula, ao agregar a perspectiva lukacsiana que concebe a democracia como processo e não como estado – Coutinho, 1992: 20) como valor universal pressupõe o entendimento de que ela “contribui para explicitar e desenvolver os componentes essenciais do ser genérico do homem (...) em diferentes formações econômico-sociais” (Coutinho, 1992: 21). Ou seja: para o autor, a democracia é o instrumento que possibilita resolver determinadas situações oriundas das divergências existentes na sociedade (capitalista ou socialista) de forma mais positiva para o enriquecimento do gênero humano. Não será possível, aqui, abordar as polêmicas surgidas à época e ainda presentes no campo da esquerda acerca desta formulação coutiniana. Para uma análise profunda e rigorosa sobre o pensamento de Carlos Nelson sobre a temática, ver Neves (2019).

## II – DESENVOLVIMENTO

Carlos Nelson Coutinho faleceu em 2012, portanto, não presenciou o aprofundamento da crise econômica e política no Brasil, tampouco à ascensão de um projeto arquitetado pela extrema direita que chegou em seu ápice em 2018 com a vitória de Jair Messias Bolsonaro, mesmo assim nos deixou pistas importantes para enfrentar os dilemas da conjuntura atual e, por consequência, para seu enfrentamento do ponto de vista das esquerdas e do trabalho.

Dito isso, é a partir do artigo intitulado “O significado de Lima Barreto em nossa literatura” que Coutinho nos dará os elementos necessários para pensar a nossa atualidade, o filósofo baiano que estabeleceu sua crítica sobre uma das maiores obras da literatura brasileira, conseguiu unir a essência dos escritos de Lima Barreto e sua capacidade filosófica pautada na teoria marxista para pensar o Brasil e sua forma peculiar de desenvolvimento. Portanto, Barreto na figuração do seu personagem protagonista da obra, consegue captar a profundidade da realidade social brasileira, através do romance e descreve as específicas deformações humanas decorrentes da “via prussiana” seguida pelo Brasil. Nesse sentido, nossa tarefa é também demonstrar como essas deformações/peculiaridades/bizarrice se apresentam sob o período da contrarreforma radicalizada<sup>4</sup>. Contudo, cabe destacar que trataremos, apenas, do elemento mais estrutural que nos ajuda a entender e explicar o processo de adesão de parte significativa das camadas subalternas ao bolsonarismo.

Conforme analisa Coutinho (2011), no romance de Lima Barreto as ações do seu personagem protagonista são produzidas, portanto, são também resultados do Brasil de sua época. Policarpo Quaresma expressa as manifestações humanas decorrentes da via prussiana/revolução passiva e da falácia do mito ufanista. De acordo com o autor, essas

<sup>4</sup> Contrarreforma é um conceito de Gramsci, usado para caracterizar épocas históricas que se diferem das épocas denominadas de Revolução Passiva, ou seja, Gramsci caracteriza a contrarreforma como uma “pura e simples restauração”, diferente de sua conceituação sobre revolução passiva, que se trata de uma “revolução restauração”. Por isso, “podemos supor assim que a diferença essencial entre uma revolução passiva e uma contrarreforma reside no fato de que, enquanto na primeira certamente existem “restaurações”, mas que “acolheram certa parte das exigências que vinham de baixo”, na segunda é preponderante não o momento do novo, mas precisamente do velho” (COUTINHO, 2012, p. 121) [...] contrarreforma” como todas as restaurações, só podia ser um compromisso entre o velho e o novo, [portanto], elementos de novidade e progresso convivem como “formas” da modernidade num ambiente contrarreformista no qual é a velha ordem a ser restaurada (LIGOURI; VOZA, 2017, p. 148). Sendo assim, afirmamos que os governos que compõe o que Coutinho (2012) denominou de “época neoliberal” – que no caso brasileiro comporta o período dos governos Collor até à ascensão da extrema direita sob o comando de Temer e Bolsonaro e se expande até o retorno do governos progressista de Lula em 2023 – sob à égide da hegemonia neoliberal compõe uma quadra histórica que não nos permite falar em revolução passiva, apenas em contrarreforma, mesmo que se apresente a partir de fenômenos diversos e em determinadas conjunturas inclua novos elementos, como os traços de origem reacionária e fascista do período que buscamos interpretar e, somente a partir disso é possível estabelecer uma diferenciação: sua forma mais “branda” – executada pela direita civilizada e pelos governos petistas – e sua forma radicalizada – pelos governos Temer e Bolsonaro.

manifestações podem ser definidas a partir da categoria “bizarra”, pois, é justamente através de sua forma peculiar, extravagante, excêntrica e patológica que o major tenta solucionar os “problemas” do Brasil, incorporando assim o seu patriotismo ufanista fanático, elemento que o impediu de compreender que os males que assolavam seu amado país eram frutos e resultados de um processo histórico com participação decisiva dos segmentos políticos que defendia - os quais estavam estritamente ligados à perpetuação desse projeto.

Isso posto, torna-se claramente perceptível as similaridades entre esse aspecto “bizarro” e os elementos da atualidade (a adesão a certos segmentos das massas ao bolsonarismo). Contudo, é importante ressaltar que não será possível evidenciar as diferenciações entre o personagem do romance e os sujeitos que aqui nos interessa, tendo em vista que essa discussão demandaria um estudo aprofundado sobre o perfil dos “patriotas” do nosso tempo em contraponto com o nacionalismo ufanista de Policarpo Quaresma. Por isso, nosso foco será concentrado na capacidade interpretativa, vinculada à “descoberta e a figuração da problemática da bizarrice”, de Lima Barreto, uma vez que os sujeitos sofrem com as contradições presentes na dialética da subjetividade-objetividade constitutiva da bizarrice. Aqui, nos interessa justamente essa capacidade de Lima Barreto (percebida por Coutinho) em penetrar no “âmago da realidade social brasileira”, pois será essa junção entre a crítica romanesca e a teorização de Coutinho - a partir de Luckás e também de Gramsci - que nos permitirá desenvolver as reflexões que auxiliam nesse processo de compreensão da dimensão mais estrutural da realidade atual. Nesse sentido, Coutinho (2011, p. 118) esclarece:

(...) a figuração das deformações bizarras da ação humana, que ocorrem necessariamente nesse quadro histórico-social “prussiano” indica o modo peculiar através do qual Lima alcançou uma expressiva vitória do realismo. Com efeito, no seio de uma realidade marcada pela fragmentação nacional, pelo caráter “espontâneo” das transformações sociais, as ações humanas significativas – capazes de simbolizar esteticamente a essência da realidade – tendem a assumir formas extremamente peculiares, muitas vezes bizarras, requerendo do romancista que as quer descobrir e representar uma grande sensibilidade artístico-ideológica.

Complementando, o autor sinaliza:

Lima obteve essa elevação, essa correta realização das leis estéticas do gênero romanesco, na exata medida em que seu tipo expressava adequadamente, simbolicamente, uma relação humano-social específica e peculiar da realidade brasileira. Enquanto tipo bizarro, Policarpo Quaresma, torna-se o símbolo das contradições humanas impostas pela “via prussiana” seguida pelo Brasil, através do seu triste destino, Lima concretiza – com meios especificamente artísticos – uma demolidora e implacável crítica àquela sociedade que condena ao ridículo, à

extravagância e à bizarrice as mais profundas e autênticas inclinações do nosso povo no sentido da realização humana e, mais concretamente, da realização humana através da participação criadora no melhoramento da sociedade (idem, p. 120).

Coutinho indica essas conclusões porque retira de Lukács a definição do fenômeno que nos interessa, portanto, a partir das elaborações do filósofo húngaro, o autor enfatiza:

Com efeito, a bizarrice é uma certa adaptação, que se faz no interior do sujeito e que decorre das possibilidades de prática social própria que lhe é permitida pela ordem específica da realidade. Mais corretamente: decorre do fato de que, se um homem pode se revelar capaz, em seu foro íntimo, de enfrentar a transformação negativa das formas fenomênicas dadas de uma sociedade (...), de modo tal que sua integridade interior, ameaçada por tais formas, consiga resistir à prova, se isso ocorre então a conversão dessa recusa numa prática social propriamente dita (conversão que se torna humanamente necessária) não pode ultrapassar – por causa de sua incompatibilidade socialmente determinada – os limites de uma interioridade abstrativa mais ou menos deformante. Disso decorre que o caráter desemboca na excentricidade, na extravagância (Lukács, 1970, p. 122 e 123, apud Coutinho 2011, p. 118).

Em resumo, Carlos Nelson Coutinho (2011) afirma que a bizarrice representa, a partir da descrição de Lukács, essa manifestação do caráter humano peculiar/extravagante/patológica em decorrência da necessidade que surge – de maneira totalmente livre – do sujeito atuar de forma objetiva num meio social que se apresenta de maneira fenomênica a partir de obstáculos e impedimentos que são capazes de barrar a “atividade humana autônoma comunitariamente respaldada, isto é, a atividade capaz de explicitar sem conflitos o núcleo humano do agente” (IDEM, p.119). Nesse sentido, “a bizarrice, assim é um modo peculiar pelo qual se manifesta a incapacidade – histórica e socialmente determinada – de adequar esse núcleo humano subjetivamente preservado a um mundo social objetivamente alienado. Em sua luta para conservar a autenticidade subjetiva sem se isolar completamente do mundo, o bizarro sofre uma deformação de personalidade que o aproxima da excentricidade, até mesmo da patologia” (ibidem).

Portanto, essa relação complexa em relação à dialética da bizarrice que surge justamente a partir dessa luta para conservar o que há no núcleo da personalidade humana, acaba se deparando objetivamente com o mundo social que ao invés de ampliar suas capacidades subjetivas, resulta no “completo esfacelamento desse núcleo”. Em outros termos, significa afirmar que o desejo de participação dos sujeitos na realidade social objetiva – pois acabam não suportando todas suas contradições – se apresenta como uma incapacidade de lidar com o real, isto é, “incapacidade de explicitar-se numa práxis social

adequada”. Exemplo disso, é Policarpo e o seu “*pathos* nacional-popular [quando] assume a forma extravagante de um nacionalismo fanático, ufanista, fundado em mitos romântico-reacionários” (Coutinho, 2011, p. 123). Até mesmo quando o personagem percebe parte da “problemática social brasileira”, sua visão de mundo está completamente distante de “libertar-se das deformações impostas pela sua bizarrice”. O major, ao invés de enxergar uma solução num “caminho democrático-popular, numa autêntica transformação ‘a partir de baixo’ (...), começa a se tornar entusiástico defensor de ‘um governo forte até a tirania’” (Coutinho, 2011, p. 125).

Para Coutinho (IDEM, IBIDEM), o protagonista do romance descobre e, em sua bizarrice, assume a “revolução pelo alto” como possível solução para o seu país. “Essa modalidade implica a crença de que alguns indivíduos excepcionais, ou quando muito uma elite esclarecida, podem substituir – enquanto sujeito histórico – as massas populares”. Portanto, significa abrir mão de um caminho democrático popular no qual o protagonismo seria a autenticidade dos subalternos e sua participação nas decisões históricas, para dar continuidade à “solução reacionária e antipopular” da “via prussiana”.

Coutinho explica que essa atuação objetiva só acontece em decorrência da construção da subjetividade, ou seja, no caso de Policarpo refere-se ao “isolamento da personalidade”, pois o Major se ocultava através dos papéis sociais impostos pela vida burocrática que o impediam de um contato crítico, amplo e popular com o real, gerando assim “deformações bizarras” em suas melhores qualidades humanas (emancipação da pátria, participação social, valorização do nacional). Portanto, existem elementos (tal como a burocracia) que exercem um papel de “força social essencialmente contrária ao humano, como um elemento próprio do mundo da alienação” (IDEM, p. 123), contribuindo para a adesão das camadas subalternas a certas ideologias que são contrárias aos seus próprios interesses.

Coutinho (2010) em *Hegemonia da pequena política*, acompanhando as reflexões de Gramsci, escreve sobre o bizarro, o que complementa as análises realizadas acima. Vejamos:

Hegemonia, portanto, nem sempre se baseia no que Gramsci chamou de “ideologias orgânicas”, aquelas que expressam de modo claro e sistemático a concepção de mundo das classes sociais fundamentais. Independentemente de basear-se ou não numa ideologia orgânica, uma relação de hegemonia é estabelecida quando um conjunto de crenças e valores se enraíza no senso comum, naquela concepção de mundo que Gramsci definiu como “bizarra e heteróclita” [estranho, grotesco ou incomum; excêntrico, fora do comum], com frequência contraditória, que orienta – muitas vezes sem plena consciência – o pensamento e a ação de grandes massas de mulheres e homens (Coutinho, 2010, p. 30).

Com base nesse pressuposto, é possível avançarmos no debate e indicarmos pistas para o entendimento das construções no campo da subjetividade que resultaram na ação objetiva das massas ao aderir e defender tanto a candidatura de Bolsonaro como sua política ultraneoliberal fascizante. Em termos gerais, Coutinho (2010) nos orienta nesse sentido, quando consegue (à época) elencar a predominância de determinados valores no senso comum que asseguram a reprodução do capitalismo e garantem o desenvolvimento da alienação para que a hegemonia da classe dominante (baseada em valores, como por exemplo, o individualismo, privatismo, naturalização das relações sociais, etc) se perpetue. Obviamente, o autor não pôde tratar dos valores neoconservadores e ultraneoliberais que se manifestaram de forma expansiva, principalmente, a partir de 2013, com a reemergência da direita e da extrema-direita brasileira no cenário público e que foram fundamentais para a eleição de Bolsonaro em 2018. No entanto, nos deixou pistas valiosas para entendermos os elementos mais estruturais da dialética da bizarrice durante o período histórico configurado pela “contrarreforma em sua forma radicalizada”.

Este contexto foi profundamente marcado pela despolitização e diversidade das pautas que se davam de maneira confusa, desorganizada e esvaziada. A direita encontrou seu cenário ideal e intensificou a propaganda anticomunista, o ódio a esquerda e inaugurou jargões como o “gigante acordou” ou “meu partido é meu país”. Instaurou-se um novo simbolismo em nossa sociedade causando nas massas a ideia de que era preciso combater violentamente a esquerda, inclusive fisicamente, e tudo que se remetia a ela (cor vermelha, bandeiras, palavras de ordem...).

Isso significa dizer que a massa de pessoas que ocupava as ruas não era (em sua grande maioria) fruto da organização política e da construção de quadros de militantes organizados. Ao contrário disso, constituía-se, no seu conjunto, de brasileiros insatisfeitos com os caminhos da política nacional que expressavam nesse primeiro momento uma ação objetiva a partir de um caráter confuso, desorganizado, desesperado, fruto de uma lógica subjetiva baseada na hegemonia da pequena política, “na falta de auto-organização e participação ativa por meio de partidos políticos e outros organismos da sociedade civil” (Coutinho, 2010, p. 31)<sup>5</sup>. Consequentemente, esta situação abriu espaços para construção de

<sup>5</sup> Importante ressaltar que apesar de amplos segmentos das camadas subalternas terem aderido de forma confusa e desorganizada às mobilizações da extrema-direita, isto não significa dizer que não houve e não há ações organizadas do referido espectro político para angariar o apoio desses setores da sociedade.

certas ideologias que mascaram o real, cercando-o de novas justificativas a serem aceitas e legitimadas. Logo, a candidatura de Bolsonaro encarnou o sonho da mudança e se apresentou como autêntico e como um sujeito marginal da política, construindo no imaginário popular a ideia de que sua forma de governar o aproximaria do povo. Assim, Bolsonaro não encarnaria o papel do “herói-nacional”, sendo considerado, portanto, um homem comum, suscetível a falhas. Observa-se, na prática, que tal postura o elevou à categoria de “mito”.

Dito isso, é importante retomarmos Gramsci para que possamos diferenciar justamente essa questão das ideologias, pois sabiamente o comunista italiano assinala que existem ideologias que são “historicamente orgânicas” e as que são “arbitrárias”:

(...) necessário, por conseguinte, distinguir entre ideologias historicamente orgânicas, isto é, que são necessárias a uma determinada estrutura, e ideologias arbitrárias, racionalistas, “voluntaristas”. Enquanto são historicamente necessárias, as ideologias têm uma validade que é validade “psicológica”: elas “organizam” as massas humanas, formam o terreno no qual os homens se movimentam, adquirem consciência de sua posição, lutam, etc. Enquanto são “arbitrárias”, não criam mais do que “movimentos” individuais, polemicas, etc. (nem mesmo estas são completamente inúteis, já que funcionam como o erro que se contrapõe a verdade e a afirma) (Gramsci, 1999, p. 237).

Observa-se, portanto, que é através da construção de uma ideologia arbitrária que se estabelece laços profundos entre Bolsonaro e as massas populares, a partir de um ideal que combinava “Deus, família e Pátria”. Assim sendo, defender a candidatura de Bolsonaro seria também a defesa da verdadeira mudança, o fim da corrupção, a inauguração da novidade na política institucional, através de um autêntico líder que prometia superar os “valores disseminados pela esquerda”. Esse mito da pátria fez com que as pessoas ansiassem por algo que não existe – construção subjetiva – e passassem a defender um candidato e seu projeto de Brasil, que na prática revelava valores fascistas e antipopulares.

Somando-se a esse contexto, as diversas formas de alienação promovidas através da mídia, dos aparelhos privados de hegemonia liberais e conservadores (*think thanks* de direita e extrema-direita e igrejas neopentecostais, por exemplo) e da operação Lava Jato, além da desmobilização política do PT - que não cumpriu parte da sua tarefa histórica de elevação da consciência das massas, limitando-se à hegemonia da pequena política - são elementos constitutivos da lógica da dialética da bizarrice. Ou seja, se no plano da subjetividade não foi construído uma perspectiva que aprofunda os valores democráticos, o protagonismo popular e a superação do existente, conseqüentemente, as ações objetivas de determinados sujeitos das camadas subalternas, ao se depararem com os problemas nacionais, não iriam

recorrer aos caminhos que os levariam à emancipação e à radicalização das defesas das liberdades humanas e ampliação dos direitos sociais.

Parafraseando com o que aconteceu com Policarpo, o resultado foi a adesão de frações das camadas subalternas ao projeto em curso da “contrarreforma em sua forma radicalizada”. Neste caso, seria a materialização daquilo que aprendemos com Coutinho (2010, p. 120) sobre a “busca por valores autênticos em um mundo degradado, mas que precisamente por causa dessa degradação objetiva, relativiza ou deforma os próprios valores autênticos que norteariam subjetivamente sua ação”. Assim como Policarpo Quaresma em sua época, setores das camadas subalternas, hoje, tornam-se “uma encarnação viva da insensatez humana”.

E nessa particularidade, Gramsci é um grande aliado para nos ajudar a compreender esse tipo de “crença” ou “fé” dos indivíduos nesse “mito na pátria” que essencialmente são contrárias aos seus próprios interesses e revelam essa deformação dos valores autênticos do caráter humano. Para o autor, quando já não existe mais a “confiança no velho” e ainda não surgiram as bases “do novo” é que se cria o terreno fértil para o surgimento das “peculiaridades” difundindo novas concepções de mundo que se tornam populares.

...as massas populares, que mais dificilmente mudam de concepção e que, em todo caso, jamais a mudam aceitando a nova concepção em sua forma “pura”, por assim dizer, mas — apenas e sempre — como combinação mais ou menos heteróclita e bizarra. A forma racional, logicamente coerente, a perfeição do raciocínio que não esquece nenhum argumento positivo ou negativo de certo peso, tem a sua importância, mas está bem longe de ser decisiva; ela pode ser decisiva apenas secundariamente, quando determinada pessoa já se encontra em crise intelectual, oscila entre o velho e o novo, perdeu a confiança no velho e ainda não se decidiu pelo novo, etc. (GRAMSCI, 1999, p. 108).

Nesse sentido, o marxista italiano complementa a análise quando trata das classes subalternas e suas novas convicções, especialmente quando “estão em contradição com as convicções (igualmente novas) ortodoxas, socialmente conformistas e de acordo com os interesses das classes dominantes” (Gramsci, 1999, p. 109).

Em que elementos se baseia, então, a sua filosofia? E, especialmente, a sua filosofia na forma que tem para ele maior importância, isto é, como norma de conduta? O elemento mais importante, indubitavelmente, é de caráter não racional: é um elemento de fé. Mas de fé em quem e em que? Sobretudo no grupo social ao qual pertence, na medida em que este pensa as coisas também difusamente, como ele: o homem do povo pensa que tantos não podem se equivocar tão radicalmente, como o adversário argumentador queria fazer crer; que ele próprio, é verdade, não é capaz de sustentar e desenvolver as suas razões como o adversário faz com as dele, mas que, em seu grupo, existe quem poderia fazer isto, certamente ainda melhor do que o referido adversário; e, de fato, ele se recorda de ter ouvido alguém

expor, longa e coerentemente, de maneira a convencê-lo, as razões da sua fé. Ele não se recorda concretamente das razões apresentadas e não saberia repeti-las, mas sabe que elas existem, já que ele as ouviu expor e ficou convencido delas. O fato de ter sido convencido uma vez, de maneira fulminante, é a razão da permanente persistência na convicção, ainda que não se saiba mais argumentar.

Diante dessas interpretações sobre a contradição popular ao aderir valores que são contrários aos seus interesses – aprofundamento dos processos democráticos e ampliação dos direitos – podemos analisar com maior clareza o fato de que uma grande massa apoiadora permaneça ao lado do presidente, mesmo após uma gestão antidemocrática, ultraneoliberal com traços fascizantes, com destaque para sua atuação durante a pandemia da Covid-19, além dos escândalos de corrupção (sistema “rachadinhas”, gabinete do ódio, recusa na compra de vacina, etc.), inflação, desemprego, fome, miséria, avanço das queimadas na Amazônia, abandono dos povos originários, exaltação da violência e das formas de preconceito em todos os seus níveis, inúmeras quebra de decoro, ataque as instituições democráticas e ameaças de golpe.

Assim sendo, podemos indicar que o antipetismo e a insatisfação coletiva da política nacional possibilitaram identificar em Bolsonaro o sonho da mudança, fazendo com que o povo brasileiro – os Policarpos da atualidade – o escolhesse enquanto líder da nação através do voto popular, nos conduzindo a um “Triste e doloroso fim” que perdurou por longos quatro anos sob ameaças golpistas, avanço do ideário fascista e o aprofundamento da crise econômica, social e moral.

Contudo, assim como aconteceu no romance de Lima Barreto, é importante destacar que também de forma tardia, parte dos apoiadores teve um momento de autocrítica, percebendo assim que estava sendo norteadado por uma grande ilusão: “o seu fanático nacionalismo ufanista (...) baseava-se num mito, em um conceito de pátria que ‘certamente era uma noção sem consistência racional e que precisava ser revista’” (Coutinho, 2010, p. 129). No entanto, essa tardia autoconsciência se estabelece apenas para parte dos seus apoiadores, pois, sua “base radicalizada”, assim como Policarpo, “apenas radicaliza – de modo bizarro – os elementos ideológicos degradados da realidade que [a] envolve” (IDEM, p. 126).

A brilhante interpretação de Coutinho através do que foi explorado na obra de Lima Barreto, aliada às reflexões gramscianas presentes em *Hegemonia da pequena política*, nos permitiu contribuir teoricamente para adensar o debate sobre os novos rumos da política brasileira, evidenciando um caminho profícuo para compreendermos e atuarmos junto às

camadas subalternas na perspectiva de fortalecimento da expansão dos direitos de forma radicalizada. Pois, o que vimos, mesmo diante da derrota do bolsonarismo nas urnas em outubro de 2022, foi que a base radicalizada da extrema-direita ainda organiza e arquiteta ações objetivas, como o ataque e invasão na sede dos Três Poderes em Brasília, no dia 8 de janeiro.

Assim sendo, verifica-se a urgência de estudos, debates e reflexões em torno de uma construção subjetiva que possa frear e superar o bolsonarismo, enquanto expressão da extrema-direita brasileira, e a contrarreforma “radicalizada”, colocando a “grande política”<sup>6</sup> na ordem do dia.

O retorno de Lula no comando do Executivo Nacional foi permeado de alívio e expectativas, pois estivemos durante 4 anos liderados por um governo que recuperou traços do fascismo e trouxe à tona a ignorância, a estupidez, a violência, o negacionismo, o preconceito, o machismo, a fome e escancarou as desigualdades sociais e fomentou o ataque à ciência, aos professores e a universidade pública. Além das tentativas de golpe, ataques a Praça dos Três poderes em Brasília e pedidos de intervenção militar na porta dos quartéis, configurando, assim, uma “legítima deformação de personalidade que os aproxima da extravagância, excentricidade e até mesmo da patologia”.

Apesar dos reconhecidos limites do compromisso histórico do PT com a classe trabalhadora, seu retorno indicou as bases para à possibilidade de avanços para os mais pobres e o terreno da luta política reassume suas bases democráticas. Ou seja, os entraves na busca pelo socialismo por parte dos setores revolucionários da sociedade, que inclusive fazem oposição ao PT, podem retomar suas mobilizações - agora sob o solo democrático.

Indubitavelmente, é tempo de transição! Mas de transição não apenas no que se refere ao anúncio de novos ministros e políticas de governo. É tempo de transição sobretudo em relação à táticas e estratégias que possam indicar avanços e possibilidades de mudanças. Não é possível ficarmos reféns das diferenciações da gestão da contrarreforma que apesar de estarmos aliviados, pois o contexto social e político opera sob bases ideológicas diferentes

---

<sup>6</sup> De acordo com o comunista italiano: “A grande política compreende as questões ligadas à fundação de novos Estados, à luta pela destruição, pela defesa, pela conservação de determinadas estruturas orgânicas econômico-sociais. A pequena política compreende as questões parciais e cotidianas que se apresentam no interior de uma estrutura já estabelecida em decorrência de lutas pela predominância entre as diversas facções de uma mesma classe política (política do dia a dia, política parlamentar, de corredor, de intrigas). Portanto, é grande política do âmbito interno da vida estatal e reduzir tudo à pequena política” (Gramsci, 2007, p.21).

dos governos neofascistas, já sabemos que no desenrolar dos 16 meses de governo à agenda econômica e o trato com as políticas sociais não muda, pelo contrário em certos momentos se expande e aprofunda, negando até suas promessas de campanha sobre as revogações das contrarreformas trabalhista e da previdência, além da manutenção do “teto dos gastos” agora com sua nova nomenclatura de “arcabouço fiscal”. Por fim, a reflexão do marxista baiano que guiou nossas interpretações durante todo esse percurso indica que o caminho para as futuras análises coloca na ordem do dia os desafios históricos que devem ser encarados pela esquerda na luta pela emancipação dos subalternos. “De qualquer modo, o principal desafio da esquerda hoje é recolocar a grande política na ordem do dia, único modo de quebrar a hegemonia da pequena política e, portanto, do capitalismo em sua forma atual, a da servidão financeira. Não se trata de uma tarefa simples. Temos muitos motivos para ser pessimistas” (Coutinho, 2010, p. 43). Porém, cabe recordar à sentença de Gramsci ao proferir aos anarquistas na Itália em 1920 sobre o “pessimismo da razão e o otimismo da vontade”<sup>7</sup>. Assim como explica Coutinho (2010)

[...] realismo sem ilusões na análise da conjuntura, mas ao mesmo tempo, empenho na luta para transformar essa conjuntura, para fazer com que a esquerda volte a ter uma palavra a dizer – e um papel a desempenhar – no quadro que está se abrindo em consequência dessa devastadora crise (ibidem).

### III – CONSIDERAÇÕES FINAIS

Nosso esforço em demonstrar que Carlos Nelson Coutinho – figura fundamental na disseminação do pensamento de Gramsci, assim como responsável pela tradução, juntamente com Marcos Aurélio Nogueira e Luís Sergio Henrique, que segundo Netto (2012) a qualidade dos trabalho resultou num grande reconhecimento mundial, sendo considerada, de todas as versões traduzidas do italiano, a versão mais credibilizada, além da formação de quadros de intelectuais comprometidas com à revolução e com o legado gramsciano no Brasil – ainda representa em termos teóricos, políticos, no campo crítico e revolucionário a capacidade interpretativa – através do seu amplo debate difundido através do que desenvolveu sobre socialismo, democracia, formação social brasileira, além da

<sup>7</sup> Cf. Escritos políticos, no texto “Discorso agli Anarchic” não assinado do jornal L’Ordine Nuovo da edição semanal de 3 a 10 de dezembro do ano de 1920 (L’Ordine Nuovo, n.º 43, p.487, 492).

assimilação das categorias dos clássicos do marxismo, da sua crítica literária etc. – de guiar as reflexões oriundas do capitalismo em sua face contemporânea e seus fenômenos decorrentes das conjuntas e épocas históricas distintas, assim como, nos permite compreender através da sua obra os elementos que compõe o campo subjetivo, cultural etc. no âmbito da reprodução do capital e a forma pelo qual opera na mente dos subalternizados e se perpetue enquanto lógica permanente sob hegemonia burguesa.

Obviamente que tais apontamentos poderiam ser melhor explorados se em nossas análises houvesse o enriquecimento explicativo de categorias que perpassam o pensamento de Gramsci, como é o caso de “classes subalternas” – ponto fundamental em nosso estudo – que inclusive traz consigo uma abrangência nas categorias marxianas tradicionais, haja vista que a contradição capital/trabalho se enriquece e complexifica para além dos conflitos do mundo trabalho (Marro, 2022; Galastri, 2014; Del Roio, 2007). Contudo, isto é tarefa para novas ponderações, estudos, debates e reflexões.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

GRAMSCI, Antonio, 1891-1937 **Cadernos do cárcere, volume 1** / Antonio Gramsci; edição e tradução, Carlos Nelson Coutinho; co-edição, Luiz Sérgio Henriques e. — Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1999.

\_\_\_\_\_. **Cadernos do cárcere, volume 3** / Antonio Gramsci; edição e tradução, Carlos Nelson Coutinho; co-edição, Luiz Sérgio Henriques e Marco Aurélio Nogueira.- 3ª ed.- Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2007.

COUTINHO, Carlos Nelson. **A democracia como valor universal**. São Paulo, Livraria Editora Ciências Humanas, 1980.

\_\_\_\_\_. **A hegemonia da pequena política**. In: *Hegemonia às avessas: economia, política e cultura na era da servidão financeira*/ Francisco de Oliveira, Ruy Braga e Cibele Rizek, (orgs), - São Paulo: Boitempo, 2010.

\_\_\_\_\_. O significado de Lima Barreto em nossa literatura. In: COUTINHO, C.N. **Cultura e sociedade no Brasil: ensaios sobre ideais e formas**, 4.ed. – São Paulo: Expressão Popular, 2011.

\_\_\_\_\_. **A época neoliberal: Revolução passiva ou Contra-reforma?**. *Novos Rumos*, Marília, v. 49, n. 1, p. 117-126, Jan-Jun, 2012.

LIGUORI, Guido; VOZA Pasquale: **Dicionário Gramsciano**. São Paulo: Boitempo Editorial, 2017.

NETTO, José Paulo. **Homenagem de vida Carlos Nelson Coutinho. Em Pauta**. Revista da Faculdade de Serviço Social da Universidade do Rio de Janeiro. 2012.